

Marlene Magnabosco Marra

Psicóloga clínica e terapeuta familiar;
mestre, psicodramatista didata e supervisora;
professora e orientadora de cursos de
especialização para psicodramatistas e
terapeutas familiares; coordenadora de
ensino do Instituto de Pesquisa e Intervenção
Social (Interpsi); organizadora de livros e
autora de capítulos e artigos com foco
em questões de cidadania e intervenções
grupais; membro da Internacional
Association of Group Psychotherapy.

EDUCAÇÃO PSICODRAMÁTICA

RESUMO

O estudo das ciências da educação vem apontando, nos últimos anos, uma conexão entre intervenção, pesquisa e conhecimento. É a intervenção do conhecimento que opera mudanças, daí a importância de oportunizar todos os espaços como *locus* de construção e reconstrução do conhecimento.

A intenção deste texto é discutir a importância da qualidade formal e informal da educação psicodramática, considerando o educador como figura estratégica, ocupando lugar decisivo e formativo por desempenhar o papel de multiplicador do conhecimento e agente de mudança social.

A prática de educar, a partir da metodologia psicodramática, investiga, avalia, intervém, tendo como base a análise da relação indivíduo/sociedade que o papel expressa.

Destacarei seis pontos relevantes na educação psicodramática: a qualidade formal e informal da educação, a transição paradigmática vivida na pós-modernidade, o papel democratizante do processo educacional, a transversalidade da teoria socrônica, sua metodologia e os aspectos ético e estético do psicodrama.

DESCRITORES

Educação; educador; psicodrama; conhecimento; metodologia; ação participativa.

ABSTRACT

The most recent studies of educational sciences indicate that there is a connection between intervention, research and knowledge. As changes come about through the interventions of knowledge, it is important to recognize every space as a potential locus of knowledge building and knowledge re-construction.

The paper aims to highlight the importance of the formal and informal qualities of psychodramatic education, considering the educator to play a strategic role in this, his roles of knowledge builder and agent for social change being decisive and formative.

Through the use of psychodrama methodology, the practice of education investigates, assesses and intervenes, based on the analysis of the relationship between the individual and society.

I will highlight six important points of psychodramatic education: the formal and informal qualities of education, the paradigm-change of our post-modern era, the democratizing role of the educational process, the transversal character of the socionomic theory, the methodology of psychodrama, and the ethical-aesthetical aspects of psychodrama.

KEYWORDS

Education; educator; psychodrama; knowledge; methodology; participative action.

EDUCAÇÃO PSICODRAMÁTICA

Segundo Paulo Freire (1993), a educação é uma forma de intervenção no mundo. O estudo das ciências da educação vem apontando, nos últimos anos, uma conexão entre pesquisa e conhecimento. A intervenção é intrínseca ao conhecimento, que é considerado um fenômeno político. É a intervenção do conhecimento que opera as mudanças. A partir desse entendimento, observam-se uma ampliação e uma diversificação de diferentes e legítimas fontes de saberes. Temos, para começar, dois princípios que necessitam ser coerentes. O saber-fazer, ligado a uma auto-reflexão crítica, e o saber-ser-pedagógico, que diz respeito à criação de um *locus* de construção e reconstrução do conhecimento. "Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidade para a sua produção ou a sua construção." (Freire, 1999, p. 36).

A intenção deste texto é discutir a importância da educação psicodramática. Consideramos o educador uma figura estratégica. É educador aquele que ensina aprendendo e aquele que aprende ensinando, tanto no que diz respeito à qualidade formal quanto à qualidade informal da educação. Enfim, são educadores todos os psicodramatistas atuantes que oferecem oportunidades para que as pessoas possam contribuir para a construção da sociedade e trazem a compreensão da prática como dimensão social e humanista.

As práticas grupais são consideradas instrumentos de transformação da sociedade. Portanto, todas as formas de intervenção possibilitam mudanças, tanto no sentido da circularização e socialização do conhecimento quanto no sentido de buscar a autonomia dos sujeitos envolvidos. Então, o educador é considerado figura estratégica, e entendemos sua centralidade na constituição e no funcionamento da sociedade ocupando lugar decisivo e formativo, por desempenhar o papel de multiplicador e agente de mudança social.

A prática de educar, a partir da metodologia psicodramática, expressa

os desafios da inovação formativa, tais como: pessoal, social, político, ético-estético e epistemológico. Entendemos que o conhecimento é dinâmico, reconstrutivo, complexo e não linear, e exige a construção do sujeito capaz de exercer sua autonomia (Demo, 2000).

Destacarei seis pontos que me parecem relevantes na educação psicodramática: a qualidade formal e informal da educação psicodramática; a transição paradigmática vivida na pós-modernidade; o papel democratizante do processo educacional psicodramático; a transversalidade da teoria sacionômica; sua metodologia; e os aspectos ético e estético do psicodrama.

A qualidade formal da educação psicodramática passou, nos últimos quatro anos, por profundas reflexões, coordenada pela equipe de Ensino e Ciência da Federação Brasileira de Psicodrama (Febrap). Discutida e aprovada pelo Fórum Gestor, instância que traça as diretrizes políticas da Febrap, esse projeto de Formação, Educação Continuada e Titulação em Psicodrama entende a educação como um processo social que compreende a realidade de diferentes formas, dependendo do lugar social que cada um ocupa no sistema educacional. Cada qual tem seus modos, objetivos e expectativas de buscar mudanças e transformações.

Pretende-se que todas as federadas saiam das intenções para as ações na perspectiva de construção de seu projeto pedagógico educacional. Para isso, atualizaram-se os Princípios Gerais da Formação e Titulação, criando-se a Matriz Curricular Níveis I, II e III e a Matriz Básica. Esse currículo está desenhado em áreas e núcleos temáticos à luz do projeto educacional coletivo. As áreas de articulação são: área teórica, área metodológica técnica, área vivencial e prática e pesquisa numa abrangência das anteriores. Os eixos se destacam como: histórico-filosófico, científico-metodológico-técnico, prático (arquitetura e ética das intervenções), ensino (pedagogia moreniana) e pesquisa (metodologia científica e orientação).

Este projeto educacional foi implantado e tem como meta o desenvolvimento de oportunidades, ampliação, organização e compartilhamento do conhecimento num espaço de acordos entre educadores, educando e comunidade (Diretrizes Estruturais do Currículo – DEC, gestão 2003/2004).

Como órgão institucional, a Febrap implementa ações, orienta e propõe diretrizes. Vive ao longo de sua história a tensão presente entre o instituído (o que está posto) e o instituinte (busca de novas e outras possibilidades). Essa tensão é dissolvida nos Fóruns Gestores, que é uma gestão coletiva e congrega representantes das federadas numa tentativa de convivência democrática (Marra, 2005).

Aprender confunde-se com a vida. Cresce a expectativa sobre as oportunidades de aprendizagem. Como dizem Moreno (1972) e Morin (1990), *“precisamos dos outros para sobreviver, viver e nos desenvolver”*. O conhecimento é adquirido em comum, na multiplicação das experiências. O desafio é cuidar da aprendizagem e ser um eterno aprendiz. A politicidade da educação significa sua potencialidade de promover a habilidade de intervenção no destino das pessoas e da sociedade à medida que se forjam sujeitos numa relação intersubjetiva em direção às comunidades (Marra, 2004).

É nos grupos sociais que a co-criação se faz mais presente, as mudanças nascem e se efetivam como movimento social, expressando a qualidade informal da educação, *locus* da micro e macropolítica.

Entrar em contato com este tema me reporta a uma infinidade e diversidade de grupos com os quais tive contato e trabalhei, utilizando a metodologia psicodramática. E, então, achei que devesse, aqui, falar da movimentação desses grupos, pois foi quase que exclusivamente nesse trabalho que tive minhas experiências, principalmente como ego-auxiliar. Foi, então, nesse trabalho com os grupos na comunidade e nas instituições, em geral, que tive a oportunidade de ter estampado à minha frente todos os elementos que estruturam e organizam a metodologia e todos os construtos teóricos da socionomia. É nesses contextos que me sinto uma verdadeira diretora, com todos os métodos, técnicas, instrumentos e recursos disponibilizados a favor da transformação e de novas aprendizagens a todos que estão incluídos ali, inclusive a unidade funcional (diretor e ego auxiliar). Nosso maior recurso é a interação grupal, que vai orientando, dando forma e mostrando os caminhos para se chegar à resolução da situação.

A qualidade informal da educação psicodramática indica espaços e movimentos entre os saberes ditos acima e os demais saberes, o trânsito entre o psicodrama e as mais diversificadas formas de abordagens, tendo a ação, no sentido moreniano, como estratégia para o caminho que queremos construir. Como todos os saberes, essa demanda do educador é um exercício permanente. Somos todos sujeitos sócio-histórico-culturais do ato de conhecer. Tanto as competências técnico-científicas, quanto as habilidades pessoais, ética e estética devem fazer parte do desenvolvimento do nosso trabalho, articulando um ambiente favorável à produção do conhecimento. O aprimoramento das virtudes pessoais, somadas à apropriação do saber, possibilita-nos intervenções dialéticas e problematizadoras. A qualidade educacional do psicodrama possibilita a cada um refazer seus conhecimentos, instigados pelo que não sabe ainda; busca a complementariedade de idéias e conceitos na unidade da multiplicidade.

A educação psicodramática inclui-se no que se refere à “transdisciplinaridade”, segundo Nicolescu (2000). Pensar transdisciplinarmente é a forma de pensar por novos paradigmas. Segundo Nicolescu, a transdisciplinaridade é uma visão operativa e operacional do todo. É uma reflexão sobre a natureza de nosso saber, sobre os processos da complexidade no seio das disciplinas e na sociedade, mas é, também, uma reflexão sobre a natureza da própria mente. Os três pilares da “Transdisciplinaridade” são:

- Complexidade – pensamento complexo (Morin, 1990), regido por um princípio de distinção, mas não de separação entre o sujeito e o objeto, pela relação entre o observador e o objeto observado;
- Terceiro incluído – a lógica do terceiro incluído afirma que existe um terceiro termo que é, ao mesmo tempo, A e não A, mas em outro nível de realidade;
- Diferentes níveis de realidade: corporal / psíquico / anímico/ espiritual.

A metodologia moreniana é considerada marco importante de ruptura com as concepções individualistas, uma vez que desenvolveram conceitos sobre a formação e dinâmica dos vínculos. Moreno buscou alcançar o significado da realidade e do mundo para o sujeito, que é encarado como ator e protagonista de sua própria vivência, cujo fundamento está na valorização de sua inter-relação com outros atores também protagonistas. Portanto, o vínculo estreito entre pesquisa e ação é a base da sionomia (Marra, 2004).

A teoria, metodologia, filosofia e prática psicodramática ou sistema sionômico investigam, avaliam e intervêm, tendo como base a análise da relação indivíduo/sociedade que o papel expressa. Ser e conhecer são questões inseparáveis. Essas concepções morenianas estão hoje muito próximas dos conceitos de observador participante, agentes terapêuticos ou “princípios da interação terapêutica”, como chamada por Moreno, e da pesquisa-ação, estudada na pós-modernidade por várias outras abordagens e concepções, que são relevantes para compreender o aspecto democratizante do método psicodramático (Marra, 2005).

Ao referenciar o papel democratizante do psicodrama no processo educacional, afirmamos que se constitui expediente formativo por excelência, porque cultiva a autonomia e o saber pensar crítico e criativo, sempre possibilitando a oportunidade de participação. A partir daí, podemos afirmar que as interações sociais vivenciadas nas intervenções são, em si, potencialmente terapêuticas e expressam uma qualidade educativa.

A sionomia é uma metodologia participativa que promove o exercício cotidiano da cidadania e tem como referência a política de inclusão e o fortalecimento da organização social. Seu princípio é a politicidade do cuidado (Demo, 2005) na perspectiva comunitária, e considera os Direitos Humanos multiculturais. “*Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo*” (Freire, 1987, p. 23).

Sabemos que a capacidade espontânea e criativa do ser humano necessita de renovação na educação. Para atender a esse objetivo e proposta do método psicodramático, utilizamos como instrumento o *role-playing* e o sociodrama. São procedimentos que disparam processos que se inter-relacionam, numa perspectiva de educação pela ação e para a ação. Ambos ampliam a visão, sempre preparando novas leituras dos processos do grupo e dos temas em questão e possibilitando enxergar as redes de relações e os referenciais de mundo. Sabemos que a dramatização é o núcleo dessa metodologia aplicada às ciências sociais. Dramatizamos porque queremos construir um espaço de abertura que explore novas formas de leitura e percepção para aquele grupo. Abrir espaço para reinventar os caminhos, oportunizando ampliar as experiências de cada um e propor a circularização da informação. São linhas que se inter cruzam, fluxos que se juntam para formar novos fluxos, gerando um movimento constante presencial e virtual, constituindo luzes e sombras. Um verdadeiro caleidoscópio, gerando uma multiplicidade de interações e ganhando novas vidas na diversidade de novos territórios existenciais.

O “como se” do psicodrama na dramatização propõe-se a fazer existir o sujeito espontâneo e criativo. Para isso, Moreno (1972) recorreu ao teatro, lugar seguro e de possibilidades inusitadas, e a esse campo de virtualidades infinitas que é a liberdade de poder sonhar, em que o público e o privado se fazem presentes.

Esses aportes da dramatização contribuem para o enriquecimento, a atualização e a multiplicidade de modos de atuação. Traz o sentido de justiça e abarca a dimensão de reflexividade. Todas as ações são reveladoras e denunciam, pois não são isentas de sentidos e, portanto, comprometem aquele que as expressou, mesmo que ainda não tenha consciência disso. O *role-playing* e o sociodrama são métodos por excelência, nos quais têm um papel social (denominador coletivo), mas também um papel psicodramático (diferenciador). Na dramatização dessa prática, temos a visibilidade do jogo de papéis e a produção de situações geradas na dinâmica do grupo. Facilita ao grupo perceber que existe uma malha que está ou não favorecendo a realização do projeto desejado. Aí, acontecem o duplo, o espelho, a inversão de papéis e o caos, a ordem e a desordem. É a certeza, a incerteza, a organização. É a singularidade criando o coletivo, em que somos todos protagonistas no processo criativo, levando-nos, uns aos outros, à apreensão de novos conhecimentos.

O projeto sacionômico é transversalizado pela sociodinâmica, sociometria e sociatria, tendo, portanto, sua práxis transformadora. Essas dimensões criam um espaço para o desempenho espontâneo de papéis, que serve como método na educação terapêutica. Essa transversalidade, que conjuga dinâmica, ação, interação e terapia, promove e transforma os contextos em “*locus* de saúde”. Traz o sentido de justiça, abraça a dimensão de reflexividade e anuncia o tipo de projeto que está sendo tecido na rede de relações (Marra, 2004). Portanto, a sacionomia é como um polvo, tendo pernas na saúde, educação, direitos humanos, psicologia etc, além de nos possibilitar transitar entre as mais diversas abordagens, ideologias e conhecimentos.

A educação psicodramática é, por essência, transversal. Ela é um meio de formação que nasce do compromisso em reconhecer os sujeitos, recuperar a sua identidade, ver seu contexto relacional como espaço vivo, dar visibilidade a diferentes vozes e experiências, enfim, criar alternativas de construção de um outro tipo de conhecimento e de prática emancipatória.

Vive-se hoje uma transformação profunda de estilo de vida com ênfase na estetização da existência, uma revolução de sensibilidade. O paradigma estético desmistifica a ordem da razão instrumental, indica a importância dos sentidos da vida social e apresenta o compromisso ético. Não como uma questão de persuasão ou opção puramente racional entre virtude e pecado, mas como necessidade do eu, de desejo e motivação configurados e reconfigurados na intersubjetividade.

Este paradigma permite-nos compreender que mesmo quando o indivíduo age em nome do bem comum, o faz por motivação individual. Ao escolher sem restrições seu modo de existir, afasta-se do contexto social,

dos embates políticos, econômicos e dos princípios universais. Assim, a estética da existência deve ser regulada pelo princípio da comunidade, que define uma ética por meio de bons encontros que se alimentam da diversidade. A qualidade da relação é caracterizada pela mutualidade. A fusão entre o eu e o outro, o diverso, entre o dar e o receber é emocional e é vivida pela experiência. O potencializar amplia o conscientizar. Bader Burihan Sawaia (1998) propõe que a dialética em direção ao existencial exige que o indivíduo se aprofunde no auto-conhecimento da existência. E Buber(1974) pergunta: *“o que acontece quando uma de nossas ações cessa de ser espontânea para tornar-se automática? A consciência se retira dele. A matéria é a necessidade, a consciência é a liberdade. Este é o verdadeiro sociopsicodrama, a meta da educação psicodramática”*.

Assim, concluímos que *“ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar possibilidades”* (Freire, 1999, p. 36).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUBBER, M. **Eu e Tu**. São Paulo: Marcos, 1974.

DEMO, P. **Conhecer e aprender**. Sabedoria dos limites e desafios. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

_____. **Argumento de autoridade x autoridade argumento** – Interfaces da cidadania e da epistemologia. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2005.

FAVA, E. R. S.; MORENO, J. L.; WECHSLER, M. P. F.; SGORBISSA, M. L. *Educação em co-criação-perspectiva sociopsicodramática*. In: Fleury, J. H.; Marra, M. M. (org.). **Intervenções grupais na educação**. São Paulo: Ágora, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

_____. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

MARRA, M. M. e COSTA, L. F. *A pesquisa-ação e o Sociodrama: Uma conexão possível?* **Revista Brasileira de Psicodrama**, V. 12, nº 1, pg. 99-116, 2004.

MARRA, M. M. **O agente social que transforma**. O sociodrama na organização de grupos. São Paulo: Ágora, 2004.

_____. *Resgate dos direitos humanos* – A cidadania, os sujeitos de direito, as instituições. In: Fleury, J. H. e Marra, M. M. (orgs.). **Intervenções grupais nos direitos humanos**. São Paulo: Ágora, 2005.

MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1972.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Portugal: Publicações Europa – América, 1990.

NICOLUESCO, B. **Educação e transdisciplinaridade**. Brasília: Unesco, 2000.

SAWAIA, B. B. *A crítica ético-epistemológica da psicologia social pela questão do sujeito*. **Psicologia e Sociedade**, V. 10, nº 2, pg. 117-136, 1998.

Endereço da autora:
SQSW – Bl. B, Apto 203 – Sudoeste
Brasília - DF
E-mail: mmana@terra.com.br

